

Compilação Linguística

Ivan Vale de Sousa

(Organizador)





COMPILAÇÃO LINGUÍSTICA

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Editora Chefe
Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Conselho Editorial
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior
Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto
Universidade Federal de Pelotas

Prof^a Dr^a Deusilene Souza Vieira Dall'Acqua
Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves
Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa
Faculdade de Campo Limpo Paulista

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes
Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez
Universidad Distrital Francisco José de Caldas/Bogotá-Colombia

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

2016 by Ivan Vale de Sousa

© Direitos de Publicação
ATENA EDITORA
Avenida Marechal Floriano Peixoto, 8430
Cep: 81.650-010 - Curitiba, PR
[contato@atenaeditora.com.br](mailto: contato@atenaeditora.com.br)
www.atenaeditora.com.br

Revisão
Os autores

Edição de Arte
Geraldo Alves

Ilustração de Capa
Geraldo Alves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C737

Compilação linguística [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Curitiba (PR): Atena, 2016.
217 p.

ISBN: 978-85-93243-08-0
DOI: 10.22533/93243-08-0
Inclui bibliografia.

1. Filologia. 2. Língua portuguesa. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Título.

CDD-410

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-93243-09-7



A standard 1D barcode representing the ISBN 978-85-93243-09-7. The barcode is composed of vertical black lines of varying widths on a white background.

9 788593 243097

APRESENTAÇÃO

As reflexões apresentadas nos trabalhos que compõem este livro são frutos de estudos, pesquisas, proposições e análises nas quais os autores transitam entre o campo das propostas educacionais aos apontamentos referentes à linguística aplicada, expondo aos leitores os atalhos percorridos no acesso dos aspectos estruturais e de sentido da língua, de construção do discurso oral e escrito, bem como de ações metodológicas de enriquecimento das ferramentas pedagógicas de sala de aula, capazes de corroborarem com a ampliação dos propósitos sociocomunicativos destinados à compreensão da fala e dos diferentes contextos nos quais a linguagem se insere.

Os textos organizados se categorizam sob a égide da dinamicidade e variedade que o ensino de nosso idioma possibilita acessar. O acesso às reflexões traz características singulares na forma de coordenação dos autores que se debruçam na compreensão do fazer pedagógico e da essência de pesquisador em que os sujeitos inteventores interajam com os interlocutores mediante a efetivação dos conhecimentos elucidados no processo de entendimento dos aspectos alusivos ao processo comunicativo e constituinte língua como objeto social de interação.

As investigações narradas em todos os trabalhos nos lançam para o interior de um mosaico repleto de questionamentos, mas, ao mesmo tempo, de respostas que nos direcionam no caminho de notáveis compreensões vislumbradas no terreno fértil da educação como mecanismo dinâmico e inovador, compartilhando os ideais enaltecidos pelos pesquisadores, que por meio de uma proposta acessível dos indicadores comunicativos, trazem para a apreciação a autonomia representada nas intervenções contextuais perpassadas na ação educacional, social e linguística.

Este livro tem o propósito de alastrar pesquisas voltadas, de modo geral, para os estudos inseridos no âmbito da linguagem, propor e ampliar as reflexões teórico-práticas dos temas abordados nos textos que tornam estimulante e acalorado o debate em benefício do fazer metodológico, visto que as boas ideias precisam ser divulgadas para que outros estudiosos tenham acesso aos conhecimentos produzidos nos contextos formais e não formais, pois, ao mesmo tempo, em que se lançam aos debates das questões provenientes da área educacional, cria-se, também, a possibilidade de abertura de novos espaços em que as proposições referentes ao ensino nas modalidades linguístico-funcionais se propaguem noutras formas de compreensão sociocomunicativa.

É, nessa perspectiva, que o presente livro se organiza mediante a compilação de textos e ideias produzidos por diferentes pesquisadores inseridos nas instituições de ensino diversas, ora discutindo conceito-chaves temáticos, ora discorrendo propostas de ensino em torno da linguagem. Mais que um passeio pelas reflexões destacadas pelos autores, o livro é um convite ao debate e à reflexão dos temas destacados, de modo a incentivar que outras

pesquisas se efetivem no ensino, cujo foco é o encontro dos questionamentos impulsionados na busca por respostas originárias de realidades distintas.

Os autores reunidos produzem um processo de entrelaçamento percorrido concomitante à compreensão das ações de ensinar e aprender a língua, sobretudo, Língua Portuguesa. Nesse sentido, os pressupostos organizados transitam entre a orientação transdisciplinar do campo aplicado ao ensino de Língua Materna às ponderações autorais que se coadunam na realização do pressuposto epistemológico, ou seja, estudam, descrevem, pesquisam e divulgam por meio de seminários e congressos as problemáticas adotadas como objetos de investigação.

Os textos apresentados se fundamentam no compromisso profissional dos autores e cumprem função decisiva na apropriação do uso diferenciado da linguagem, a partir de distintas tendências e abordagens, que se exibem como fio norteador na realização de propostas e análises, já que os resultados estabelecidos são subsídios para o aperfeiçoamento metodológico dialogal com o objeto principal que é o uso flexível da língua e suas variantes.

Que a leitura dos textos apresentados atinja a finalidade e divulgue a essência crítico-reflexiva dos pesquisadores e, além disso, contribua com o ensino de Língua Materna. De tal modo, há um agradecimento especial aos autores que aceitaram o desafio de organização deste livro a partir da diversidade reflexiva das pesquisas que caracterizam a realização deste trabalho para que outros interlocutores tenham acesso aos itinerários metodológicos percorridos, há, ainda, a oferta de ferramentas teóricas e sugestões práticas que direcionam a compreender o gerenciamento reflexivo enfatizado nos propósitos textuais contemplados em cada capítulo.

Assim, em síntese, este livro traz a importância necessária de divulgação das pesquisas que se realizam no campo educacional e linguístico-funcional, visto que os textos refletem os posicionamentos assumidos por seus agentes produtores que se colocaram, gentilmente, em tornar conhecível as intervenções no ensino e compreensão da Língua Portuguesa. E que as ponderações destacadas em cada trabalho sejam capazes de fomentar, fortalecer e ampliar os usos de aquisição dos aspectos referentes à Língua Materna e suas variantes! Com estima e respeito.

Prof. Ms. Ivan Vale de Sousa
Organizador

SUMÁRIO

Capítulo I

ANÁLISE DE ENUNCIADOS DOCENTES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE: UM ESTUDO CRÍTICO DO DISCURSO
Márcio Evaristo Beltrão e Solange Maria de Barros.....08

Capítulo II

DISCURSO, CULTURA E PODER: INTERFACES ESTABELECIDAS NA PRODUÇÃO DOS LADRÕES DE MARABAIXO
Helen Costa Coelho, Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues, Fábio Xavier da Silva Araújo e Daniel de Nazaré de Souza Madureira.....20

Capítulo III

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA APRENDIZAGEM DA LIBRAS COMO SEGUNDA LÍNGUA PELO ADULTO OUVINTE
Luiz Antonio Zancanaro Junior.....37

Capítulo IV

CAPACITAÇÃO DE INSTRUTORES SURDOS: DESDOBRAMENTOS DE UMA PREPARAÇÃO PARA A DOCÊNCIA
Rosalva Dias da Silva.....53

Capítulo V

ECOS DISCURSIVOS: O IMAGINÁRIO SOCIAL DE UM ÍNDIO INCAPAZ
Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo e Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi.....71

Capítulo VI

ANÁLISE DE MANCHETES JORNALÍSTICAS EM PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL
Viviane Mara Vieira Cardoso e Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal.....85

Capítulo VII

AS ALTERAÇÕES ORTOGRÁFICAS NA ESCRITA DOS ALUNOS MOTIVADAS POR OPERAÇÕES FONOLÓGICAS
Margarida Maria Silva Miranda, Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros, Maria Meyre Gomes Nunes e Ailma do Nascimento Silva.....100

Capítulo VIII

A RETEXTUALIZAÇÃO COMO METODOLOGIA PARA A PRODUÇÃO DE TEXTOS
Hilda Mendes da Silva Freitas e Isabel Maria Soares da Costa Carvalho.....118

Capítulo IX

OPERAÇÕES DE PRESSUPOSIÇÃO E O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ENUNCIAÇÃO ESCRITA POR APRENDIZES

Suelen Érica Costa da Silva.....132

Capítulo X

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA NO RESGATE DE VALORES ÉTICOS NO ENSINO BÁSICO

Ivan Vale de Sousa.....145

Capítulo XI

PERDA DO TRAÇO DE PESSOA EM PRONOMES DE TERCEIRA PESSOA NAS LÍNGUAS ARRERNTÉ E FINLANDÊS

Quesler Fagundes Camargos.....164

Capítulo XII

A IMPORTÂNCIA DO LEITOR NO PROCESSO DE SIGNIFICAÇÃO DO CONTO “PRIMEIRA DOR”, DE FRANZ KAFKA, SEGUNDO A TEORIA DISCURSIVA BAKHTINIANA

Pamella Soares Rosa.....182

Capítulo XIII

PRÁTICAS DE ESCRITA E DE LEITURA EM MATEMÁTICA: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA O LETRAMENTO MATEMÁTICO

Cíntia Maria Cardoso, José de Ribamar Oliveira Costa e Liliane Afonso de Oliveira.....194

Sobre o organizador.....210

Sobre os autores.....211

Capítulo II

DISCURSO, CULTURA E PODER: INTERFACES ESTABELECIDAS NA PRODUÇÃO DOS LADRÕES DE MARABAIXO

**Helen Costa Coelho
Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues
Fábio Xavier da Silva Araújo
Daniel de Nazaré de Souza Madureira**

DISCURSO, CULTURA E PODER: INTERFACES ESTABELECIDAS NA PRODUÇÃO DOS LADRÕES DE MARABAIXO

Helen Costa Coelho

Universidade do Estado do Amapá

Macapá – AP

Efigenia das Neves Barbosa Rodrigues

Universidade Federal do Amapá

Macapá – AP

Fábio Xavier da Silva Araújo

Universidade do Estado do Amapá

Macapá – AP

Daniel de Nazaré de Souza Madureira

Instituto Federal do Amapá

Macapá – AP

RESUMO: A importância deste estudo justifica-se em analisar as interfaces estabelecidas na construção do discurso, em especial o que se caracteriza o aspecto religioso, com ênfase na elaboração escrita dos Ladrões (versos) de Marabaixo, visto que esta é uma manifestação cultural típica do Estado do Amapá. As ideias são articuladas a respeito de questões relevantes no tratamento da formação ideológica, na percepção da religiosidade, tendo em vista as reflexões crescentes com o papel da cultura africana no contexto social, religioso e nas relações de poder. A área de estudo em questão é a Análise do Discurso (AD), caracterizada pelo poder explicativo que possui para avaliar os contextos nos quais o discurso é produzido. Por isso é preciso considerar os momentos de produções discursivas para que haja uma avaliação de forma analítica das intenções e dizeres que circundam o discurso. Para fins de análise, o texto apresenta uma análise discursiva interpretativa em duas canções de Marabaixo e tem a importância de mostrar de forma científica as características do discurso por meio de embasamentos teóricos tramados pelas concepções de: Foucault (2008, 2012), Pêcheux (2009, 2012); Brait (2009), Fiorin (2007, 2013); Orlandi (2005, 2012) entre outros. No decorrer do tecido, serão abordados aspectos de muita relevância e embasados pela Análise de Discurso de linha francesa com o objetivo de refletir sobre o processo de formação discursiva na religiosidade abordada nos Ladrões de Marabaixo, considerando as condições de produção, a ideologia que o permeia e o público ao qual se destina.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Cultura; Poder; Marabaixo; Religiosidade.

1. INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a etimologia da palavra “discurso” vem do latim *discursus*, originária do particípio passado de *discurrere*, que segundo o

dicionário de linguística da enunciação (2009, p.84) significa “correr ao redor”, e dentro de uma abordagem semântica e de caráter metafórico quer dizer “lidar com um assunto por vários pontos de vista”. Alguns autores como M. Bakhtin (2003), M. Pêcheux (2005), M. Foucault (2011) entre outros, com base nesse significado, tais teóricos ratificam através das suas exposições que o discurso é aquilo que constitui a partir de uma formação ideológica no meio social e essencialmente por meio da linguagem.

Diante de tal definição, percebe-se que é nesse fazer discursivo que se instaura o processo de produção de sentido da linguagem, de forma única e inusitada, onde novos elos de significações se formam sobre as mais variadas situações cotidianas. Assim, não é difícil perceber que o campo de assuntos que um discurso pode abordar, se torna vasto, carregado de conhecimentos e informações que precisam ser considerados para a realização da tripartição da linguagem, ou seja, é necessário considerar o conhecimento, idiomático, o conhecimento expressivo e principalmente o conhecimento de mundo para a efetivação do processo comunicativo.

De acordo com esse contexto e com a evolução histórica do Estado do Amapá, há muito tempo observa-se certa resistência às manifestações do Ciclo do Marabaixo (O Ciclo do Marabaixo tem seu início no sábado da Aleluia, no bairro Santa Rita e no domingo se dá no bairro do Laguinho, e segue um calendário próprio que acompanha o calendário litúrgico da Igreja Católica), por grande parte da sociedade amapaense. Principalmente no que tange a expressão do caráter religioso, onde os embates são bem evidenciados entre cristãos e participantes do Marabaixo (afrodescendentes).

É nesta perspectiva que surgiu o interesse em desenvolver uma pesquisa que abordasse a análise do discurso religioso na produção dos versos de Marabaixo, que no referido cenário cultural recebem a nomenclatura de “ladrões”, haja vista que tais produções (versos) são marcas da oralidade por serem criadas de acordo com a descrição dos acontecimentos que caracterizam o cotidiano e a história dos afrodescendentes no Estado do Amapá. O uso do termo “Ladrões” para designar os versos se dá pelo fato destes surgirem muitas vezes do improviso na roda de Marabaixo, e ser “roubado” por cantadores, ou seja, repetido em coro pelos participantes da dança, até que outro “ladrão” seja criado e roubado sucessivamente.

A referida festa é marcada no calendário de eventos religiosos pela reverência e alusão aos santos católicos, que contempla um complexo ritual de exaltação ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, que envolve o aspecto religioso e o lúdico e divide-se em dois momentos de devoção: o primeiro envolve as ladinhas (nove para cada santo) rezadas em latim popular (marcado pela oralidade), missas, oferendas e promessas. E o segundo é formalizado pelas grandes rodas de dança, regidas ao som da *caixa de marabaixo* (Tambor que antigamente era confeccionado manualmente e revestido de couro de animal, geralmente de cobra, carneiro e gado, porém hoje o material sintético é o mais utilizado. A caixa de marabaixo é sobreposta

no corpo do tocador, pendurada nos ombros e tocada com duas baquetas), onde os participantes da festa podem saborear gengibarra, caldo, comida típica, bem como apreciar queima de fogos e os bailes. E é neste segundo momento que em algumas situações o Marabaixo é estigmatizado com outros rituais de origem nas religiões de matriz africana, como por exemplo, o rito de macumba, pelo fato da utilização de tambores na referida manifestação cultural. Entretanto, vale ressaltar que segundo Cascudo (2003, p.88), a Festa do Divino é comemorada em várias regiões do Brasil, a partir do início da colonização, com tradição oriunda de Portugal, a diferença é a não utilização dos tambores e sim de instrumentos de corda, como por exemplo, a viola.

Atualmente, o estado do Amapá possui diferentes manifestações culturais praticadas nas comunidades rurais e urbanas, como o Batuque, o Marabaixo, o Sairé, a Zimba, o Samba, o Tambor de Crioula, Capoeira, e as Religiões de matriz Africana (Umbanda e Candomblé), contudo pode se dizer com poucos estudos realizados, limitando-se a alguns trabalhos específicos da área acadêmica. O conhecimento das diversas manifestações culturais é um importante passo para estudos que visam a ampliar o reconhecimento do valor de identidades sociais e a valorização dos povos que contribuíram para tal diversidade.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O conteúdo teórico discutido neste tópico tem como propósito fundamentar primeiramente a discussão teórica sobre o discurso. Com ênfase em alguns aspectos gerais sobre a análise do discurso (AD), sua importância enquanto objeto de estudo e definição de alguns conceitos relevantes.

2.1. A AD nas perspectivas da vertente francesa: conceitos basilares.

A linguística exerceu o papel de ciência central nos estudos das ciências humanas. A linguística Saussureana, fundada sobre a dicotomia língua/fala- a primeira concebida como sistêmica, por isso objetivamente apreendida; a segunda, não objetivamente apreendida por variar de acordo com os diversos falantes, que selecionam parte do sistema da língua para seu uso concreto em determinadas situações de comunicação (MUSSALIM; BENTES, 2012).

Na conjuntura estruturalista, a autonomia relativa da língua é reconhecida. As teorias estruturalistas da linguagem têm como objeto de estudo a língua- “tornando possível estudá-la a partir de regularidades e apreendê-la na sua totalidade, já que as influências externas, geradoras de irregularidades, não afetam o sistema por não serem consideradas como parte da estrutura” (MUSSALIM; BENTES, 2012, p. 114). Nesse sentido, percebe-se que no estudo estruturalista da linguagem, a língua não é apreendida na sua

relação com o mundo, mas na estrutura interna de um sistema autônomo.

Nascida da necessidade de superar o quadro teórico de uma linguística estruturalista, frasal e imanente que não dava conta do texto em toda sua complexidade, a análise do discurso volta-se para o “exterior” linguístico, procurando apreender como no linguístico inscrevem-se as contradições sócio históricas de produção (BRANDÃO, 2012). Consequentemente, a AD surge em um terreno que se relacionam a Linguística e as Ciências Sociais.

À medida que se pensa em análise do discurso é preciso esclarecer que não há apenas uma corrente como aponta Mussalim e Bentes (2012, p. 125) “Como decorrência dessa fronteira a qual se situa a análise do discurso e em função da disciplina vizinha com a qual ela privilegia contato, surgem diferentes ‘Análises do Discurso’”, uma delas que privilegia uma relação com o histórico, enquanto a outra privilegia a relação com o sociológico. A partir disso, surgem duas vertentes: a análise do discurso de origem francesa que favorece o contato com a história e a análise do discurso anglo-saxã que favorece a sociologia.

Segundo o exposto acima, Mussalim e Bentes (2012, p. 125), afirmam que:

[...] o que diferencia a Análise do Discurso de origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã, ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; esta considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas históricos-sociais.

Existe, entretanto, apesar das divergências, um elemento comum entre essas vertentes do discurso, as duas priorizam o estudo da discursivização; mas para este trabalho será utilizada especificamente a Análise do Discurso de origem francesa, que segundo Brandão (2012) é entendida como uma teoria crítica da linguagem, “a análise do discurso de orientação francesa luta contra qualquer forma de cristalização do conhecimento, contra “a territorialização, o esquadriamento, a delimitação dos domínios do saber”” (BRANDÃO, 2012, p. 104).

2.1.1. Concepções de discurso

Com base nas teorias do discurso, pode-se dizer que o discurso é um instrumento de representação social, ele se manifesta nas mais diversas instituições, possuindo desse modo peculiaridades distintas que necessitam ser analisadas por meio de embasamentos que o aborde de maneira teórica e analítica. Estudá-lo significa contribuir não somente para a comunidade científica

da área da linguagem, mas principalmente com a própria sociedade que o utiliza cotidianamente.

Neste sentido, a palavra discurso, segundo o dicionário da Linguística (2008), é conjunto de enunciados que caracterizam o modo de agir ou de pensar de alguém ou de um grupo específico. Com base em outras leituras, observa-se que o discurso também é visto como forma de manifestação das expressões e dos sujeitos como interlocutores naturais nos processos de construção social. Soma-se as questões do contexto sócio histórico, o qual os sujeitos se inserem refletindo a visão do mundo que os cerca. Logo, todas as práticas típicas da linguagem se estabelecem por meio de um texto que é produto de atividade discursiva.

O discurso é visto como uma forma de prática social que se realiza total ou parcialmente por intermédio de gêneros textuais específicos. O discurso tem alcance em toda sociedade, esse alcance é conseguido devido à inserção do discurso em todas as práticas e eventos sociais em que os indivíduos participam.

Segundo Orlandi, (2009, p. 71):

O discurso, por princípio, não se fecha. É um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática. É nesse sentido que consideramos o discurso no conjunto das práticas que constituem a sociedade na história, com a diferença de que a prática discursiva se especifica por ser uma prática simbólica.

O discurso como objeto de estudo da análise discursiva, é elemento em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, é, pois um lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos interagindo em situações concretas. Pêcheux (1975 *apud* ORLANDI, 2009, p. 17), “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia”. Pêcheux (1998, *apud* ORLANDI, 2010, p. 14) diz que “o discurso mais do que transmissão de informação (mensagem) é efeito de sentidos entre locutores”. Nesse sentido, não há uma relação linear entre enunciador e destinatário, tampouco a língua é apenas um código, onde se pautaria a mensagem que seria transmitida de um para o outro, ou seja, nesse caso não há apenas transmissão mais efeitos de sentidos entre os locutores.

Com isso, Brandão (2012) fala da concepção de discurso como jogo estratégico e polêmico, no qual o discurso não pode mais ser analisado simplesmente sob seu aspecto linguístico, mas como jogo estratégico de ação e de reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva.

Para Maingueneau (2001, p 53), “O discurso se constrói, com efeito, em função de uma finalidade, devendo, supostamente, dirigir-se para algum lugar”. Portanto, o ato do discurso constitui-se em ação sobre o outro, objetivando modificar o comportamento do outro, agir sobre o outro. Com isso, surgi a interatividade, característica fundamental do discurso.

2.1.2. Ideologia

A ideologia é um conceito fundamental nos estudos de um estudioso dos processos discursivos, Milkhaiil Bakhtin, não interpretando-a como algo pronto e já dado, ou vivendo apenas na consciência individual do homem, mas insere essa questão no conjunto de todas as outras discussões, como a questão da subjetividade. Bakhtin (*apud* Brait, 2013, p. 168), diz:

Bakhtin [...] vai construir o conceito no movimento, sempre se dando entre a instabilidade e a estabilidade, e não na estabilidade que vem pela aceitação da primazia do sistema e da estrutura; vai construir o conceito na concretude do acontecimento, e não na perspectiva ideológica.

Esse recorte sugere que a ideologia é materializada por meio dos discursos e articulada por sujeitos. Isso pode ser confirmado com a seguinte passagem: "Só há ideologia pelo sujeito e para sujeitos". (ORLANDI, 2009, p. 96). Com isso, percebe-se que todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos, o discurso é lugar do trabalho da língua e da ideologia.

Para Chauí, (1980, p. 113 *apud* BRANDÃO, 2012, p. 22), a ideologia organiza-se:

[...] como um sistema lógico e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

Para a análise do discurso a ideologia é conceito central. O filósofo marxista Althusser desenvolve a teoria das ideologias, segundo o autor a ideologia está ligada ao inconsciente através da interpelação dos indivíduos em sujeitos. Quando se fala, os sujeitos são simultaneamente afetados pelo funcionamento da ideologia e do inconsciente, ambos inscritos no funcionamento da linguagem. Esse funcionamento não é transparente para o sujeito, ou seja, ele não percebe como é afetado pela ideologia e pelo inconsciente (SILVA, 2013).

2.1.3. Sujeito

O sujeito do discurso é noção necessária para precisar o estatuto, o lugar e a posição do sujeito falante com relação a sua atividade languageira. Quando se fala em sujeito leva-se a considerar as relações que o sujeito mantém com os dados da situação de comunicação na qual ele se encontra, os procedimentos de discursivização, assim como os saberes, opiniões e crenças

que possui e que supõe serem compartilhados pelo seu interlocutor. Para Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 457), a competência do sujeito “não é mais simplesmente linguística, ela é ao mesmo tempo *comunicacional, discursiva e linguística*”.

Decerto, a análise do discurso rompe com a concepção de sujeito uno, livre, caracterizado pela consciência, isto é, sem inconsciente e sem ideologia, e tomado como origem. Sendo assim, para a AD o sujeito é clivado, ou seja, não é uno; o sujeito é assujeitado, isto é, não é livre e não está na origem do discurso (MUSSALIM; BENTES, 2011).

É conveniente considerar que o sujeito do discurso é um sujeito composto de várias denominações. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2008, p. 458) “Ele é polifônico, uma vez que é portador de várias vozes enunciativas. Ele é dividido, pois carrega consigo vários tipos de saberes, dos quais uns são consciente, outros são não conscientes, outros ainda, inconscientes”. Enfim, ele se desdobra na medida em que é levado a desempenhar alternativamente dois papéis de bases diferentes: papel de sujeito que produz um ato de linguagem e o coloca em cena, imaginando como poderia ser a reação de seu interlocutor, e o papel do sujeito que recebe e deve interpretar um ato de linguagem em função do que ele pensa a respeito do sujeito que produziu esse ato.

2.1.4. Formação discursiva/ Formação ideológica

O discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. Sendo assim, Brandão (2012) diz que ao analisar a articulação da ideologia com o discurso, dois conceitos já tradicionais em AD devem ser colocados: o de formação ideológica e o de formação discursiva.

Formação ideológica, uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem universais, mas se relacionam a posições de classe em conflito umas em relação às outras. Segundo Brandão, 2012, p. 47 “[...] a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas [...]”.

Segundo Pêcheux (*apud* ORLANDI, 2010, p. 17), “os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes”. Assim, não se pode pensar o sentido e o sujeito sem pensar em ideologia.

As formações discursivas são a projeção, na linguagem, das formações ideológicas. As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (ORLANDI, 2010).

Entende-se, pois, por formação discursiva, aquilo que numa determinada formação ideológica, ou seja, a partir de uma posição numa certa conjuntura, determina o que pode e deve ser dito, portanto, as palavras, proposições e ex-

pressões recebem seu sentido em uma formação discursiva na qual são produzidas. Neste contexto, “É a formação discursiva que permite dar conta do fato de que sujeitos falantes, situados numa conjuntura histórica, possam concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, ‘falar diferentemente falando a mesma língua’” (BRANDÃO, 2012, p. 49), sendo assim, o entendimento de formação discursiva se torna importante para a determinação daquilo que se pode ser dito a partir da posição do sujeito.

2.2. A Cultura do Marabaixo no Estado do Amapá

Segundo as pesquisas de Canto (1998) a *Festa do Divino Santo* e *Santíssima Trindade* em Macapá, capital do atual Estado do Amapá está diretamente ligada aos aspectos *profanos* do Marabaixo, que por sua vez é uma manifestação de origem negra, caracterizada pela dança, pela música e rituais próprios. E a festa é dita assim enquanto festejo marcado no calendário de eventos religiosos e pela reverência aos santos católicos, mas também conhecida por Marabaixo, enquanto complexo ritualístico, ou seja, por sua totalidade, desde novenas à quebra da murta, desde as danças ao levantamento do mastro.

No que tange à etimologia da palavra MARABAIXO, os estudos registrados na pesquisa de Videira (2009) afirmam que pouco se sabe a respeito de sua origem, mas de acordo com algumas entrevistas de moradores da comunidade pesquisada, eles afirmam que este nome faz lembrança à penosa travessia dos africanos nas naus escravistas mar-a-abaixo, daí observa-se a evolução da língua por intermédio de um processo de formação de palavras (composição por aglutinação), originando-se o vocábulo Marabaixo. E que o mesmo é uma manifestação cultural de matriz africana que foi trazida para o Estado do Amapá pelos africanos escravizados no Brasil, esta manifestação cultural tem seu ciclo iniciado logo após a Semana Santa, por isso apresenta uma data flexível, como acontece com o Carnaval, que altera-se a cada ano.

Videira (2009) ratifica em seu livro que o Festejo do Ciclo do Marabaixo é praticado durante dois meses, a partir do domingo de Páscoa, nos bairros do Laguinho e Santa Rita. E que mesmo está ramificado em dois: o lado religioso e o lúdico. O primeiro envolve as ladinhas - nove para cada santo comemorado (Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade), rezadas em latim popular, missas, oferendas e promessas. O segundo é composto da dança propriamente dita, regado a gengibarra (bebida a base de gengibre e cachaça), cozidão (carne cozida com vários legumes), cantigas, dança e instrumento de percussão.

Entretanto, no que se refere ao lúdico, os participantes seguem num contínuo espírito de confraternização. Às vezes, algumas dançadeiras dançam de braços dados umas com as outras. Percebe-se que certos comportamentos

podem gerar certos conflitos ideológicos no campo da religião, haja vista, que o Marabaixo sendo uma manifestação na qual muitos valores foram incorporados através dos anos e até nos dias de hoje, traz em seu bojo uma história de conflitos com a ideologia hegemônica da igreja católica, a qual se constitui um dos principais obstáculos à sua permanência como tradição, havendo, portanto uma situação dicotômica.

Neste contexto, os produtores e autores dos ladrões de Marabaixo mesmo tendo estado, no momento ciclo, na vivência local da cultura amapaense e teoricamente situados na função que possivelmente serviria para propor novas medidas que melhorassem os aspectos relacionados ao contexto sócio cultural do Estado, não podem ser vistos como sujeitos neutros ou livres das formações políticas que priorizam outros aspectos de seu interesse e que não estão de acordo com os interesses e decisões dos grupos de Marabaixo.

4. ANÁLISE DO CORPUS

Inicialmente, é importante enfatizar que foram escolhidas 02 (duas) Canções de Marabaixo, por serem bastante conhecidas da população amapaense e consideradas de grande representação religiosa no Ciclo do Marabaixo. Nesse contexto, constata-se a predominância dos temas “Fé” e “Devoção” na construção dos ladrões aqui analisados.

4.1. Análise da canção n.º 01

Eu acordei de madrugada

Domínio Público

Refrão |
 Eu acordei de madrugada
 Pelo cantar da lira
 Valei-me Nossa Senhora
 Nossa Mãe Santa Maria

Eu acordei de madrugada
E fui logo à procissão
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramo de ouro na sua mão

(Refrão)

Valei-me Nossa Senhora
Valei-me Nosso Senhor
Nossa Senhora me ajude
Nosso Senhor me ajudou

(Refrão)

Do campo veio o pastor
E na minha porta bateu
Veio trazer a notícia
Que a minha lira morreu

(Refrão)

Belém, Belém, Belém
Belém da Boa Fé
Por aqui passou
Bom Jesus de Nazaré

(Refrão)

Acorda, Maria, acorda
Acorda que já é dia
Jesus Cristo é o Rei da Glória
Filho da Virgem Maria

Por meio de um forte apelo ideológico, percebe-se a presença da doutrina da igreja católica que baseia-se no ritual de procissão de santos e santas, acompanhados de ramos para a devida celebração bem como a ideologia de oposição entre o céu e o inferno.

A ideologia acerca do discurso cristão, por exemplo, é baseada numa oposição: plano espiritual *versus* plano mortal, salvação *versus* castigo, fé *versus* pecado. Baseado nessa oposição, o transmissor da palavra de Deus (pastor ou padre) articula estratégias de convencimento dos fiéis, algumas vezes para manipulá-lo e com isso, percebe-se na 1^a estrofe que o eu-lírico se manifesta com o ar de cumprimento da missão, pelo fato deste já ter acordado de madrugada e participado da procissão, repassa a sensação de dever cumprido e por isso pode ser considerado salvo, pois segundo a igreja católica, aquele que segue os mandamentos da igreja será salvo.

Uma das características do discurso religioso apontado por estudiosos do discurso é como os sujeitos se constituem no discurso e nesta canção de Marabaixo, nota-se a questão da relação entre Jesus e Maria, que é exaltada pelos cristãos enquanto que algumas religiões, Maria é vista de maneira mais simplória, ou seja, sem importância o que não ocorre com os fieis da igreja católica que exaltam Maria tão quanto o Senhor Deus.

Além disso, observa-se nos versos a presença do interlocutor enquanto pastor e guiador do seu rebanho, pois é muito comum em qualquer religião ter alguém que prega as doutrinas da mesma, pois segundo a tradição do Marabaixo, o padre é uma figura imponente dentro do cortejo religioso, representando o pastor que recebe seus servos na casa do pai.

Um fato interessante de frisar é a ideia apresentada no refrão da canção, onde se ressalta o costume de frequentar a igreja no soar do sino, ou

seja, o fiel é chamado para a celebração da missa através do sinal sonoro que o desperta para cumprir com a obrigação de acompanhar a procissão juntamente com a reza do santo reverenciado no momento na expectativa de ser salvo pelo fato de estar em dia com suas tarefas enquanto servo fiel da igreja católica. O com o intuito ser abençoado com a graça de Deus.

Além disso, na referida canção, nota-se que o discurso religioso do ponto de vista do interlocutor, apresenta-se como um convite para que outros fiéis venham segui-lo, cumprindo as mesmas ações em busca de dever cumprido e assim obter a sua salvação, pelo fato de estar de acordo com as diretrizes que regem os mandamentos da igreja, em especial a católica.

Entretanto, apesar do foco em aspectos evidenciados nos dogmas da igreja católica, percebe-se um sincretismo religioso, onde as religiões de matriz africana são mescladas com os rituais da doutrina que estabelece a relação de poder. Onde, segundo Foucault (2012) o discurso deve ser visto e analisado como um jogo estratégico de ação e reação, de pergunta e resposta, de dominação e esquiva, inclusive de luta pelo qual passa por verdade e que veicula saber, gerando poder.

Portanto, como se observa a técnica de análise do discurso preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser deixados de lado e muitos menos quantificados, pois precisam ser centrados na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais que ocorrem no cotidiano dos Grupos de Marabaixo. Neste sentido, entende-se que analisar tais cantigas, é importante observar a atividade comunicativa produtora de efeitos e sentidos entre os interlocutores de uma maneira contextualizada.

4.2. Análise da canção nº 02.

Maria do Céu

Domínio Público

Refrão [Ai viva eu viva minha mãe também (bis)
 Ai viva Maria do Céu e mais os seus filhos em Belém
 Maria do Céu
 Maria do Céu e mais seus filhos em Belém

Vou por aqui abaixo como quem vai a um mandado (bis)
Receber a croa da Santíssima Trindade
Receber a croa
Receber a croa da Santíssima Trindade

(Refrão)

Divino Espírito Santo, Divino Consolador (bis)
Consolai as nossas almas quando desse mundo eu for
As nossas almas,

As nossas almas quando desse mundo eu for

(Refrão)

A Pomba do Divino já voou já foi embora (bis)
Saiu na quarta-feira chegou no dia da hora
Saiu na quarta-feira
Na quarta-feira chegou no dia da hora

(Refrão)

Ai no dia da hora quando a missa entrou (bis)
A Nossa Senhora lá no Céu se alegrou
A Nossa Senhora
A Nossa Senhora lá no Céu se alegrou

(Refrão)

Se alegrou com prazer e alegria (bis)
Ai Jesus Cristo é o Rei da Glória e Filho da Virgem Maria
Jesus Cristo é o Rei da Glória
Filho da Virgem Maria

A primeira característica que se impõe na constituição desta canção é a presença marcante de representações simbólicas da igreja católica, tais como: a Santíssima Trindade, o Divino Espírito Santo, a Pomba do Divino e a Coroa da Santíssima Trindade, que são grafadas com as iniciais maiúsculas, para dar ênfase e destaque na canção, bem como forma de respeito significado que cada símbolo representa aos fiéis.

Segundo os dogmas da igreja católica, a Santíssima Trindade representa a união de três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, enquanto que a Pomba do Divino Espírito Santo vem para a anunciação do Espírito Santo. Que tem exaltação na referida religião, pois em outras igrejas, tais representações não possuem esta carga significativa que se percebe na igreja católica a até mesmo na canção analisada.

Entretanto, outro aspecto interessante a ser analisado é a constituição da natureza frágil e humilde do interlocutor, alguém com problemas emocionais, financeiros, familiares e que acredita na vida após a morte: *Consolai as nossas almas quando desse mundo eu for.*

Mais uma vez Jesus Cristo é glorificado enquanto rei e filho de Maria, que também é glorificada de acordo com a doutrina da igreja que a concebe com grande representação religiosa na fé dos católicos, que em muitas não concebem Maria com a característica de santidade, apenas como uma mera figura na história de Jesus Cristo, o Salvador.

Mais uma vez percebe-se a presença da questão do compromisso do fiel com os eventos religiosos como, por exemplo, a participação efetiva da missa: *Ai no dia da hora quando a missa entrou / A Nossa Senhora lá no Céu se*

alegrou. Observa-se que o discurso apresenta, ou seja, exalta que os santos ficam contentes quando os fiéis frequentam e participam das ações religiosas promovidas pela igreja, que evidencia certa persuasão no interlocutor para cumprir com suas obrigações regidas pela igreja católica.

O outro aspecto a ser evidenciado através de um contexto histórico, onde se estabelece a relação de poder através do discurso, pois observa-se nos versos que o negro demonstra pertencer a uma classe social inferior, ou seja, a cultura dominante determina as normas sociais quando o negro reconhece ter que fazer um mandado. Para Pêcheux (2009, p. 160) “o sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe sem si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo-sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas”.

Ao fazer análise nestas 02 (duas) canções de Marabaixo nota-se que, uma vez seguindo os dogmas da igreja católica, o fiel pode crer na sua salvação e que Deus estará sempre ao seu lado, pelo fato deste estar de acordo com o que prega o discurso e, além disso, que religiosidade afro-brasileira foi e continua sendo um tema de grande polêmica na sociedade amapaense, pelo fato de não serem considerados aspectos importantes na construção do discurso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar as canções de Marabaixo, percebe-se que persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase. A persuasão leva à ação, ou seja, participação assídua aos cultos da missa, doações à igreja, mudança de atitudes como parar de frequentar as atividades da igreja, exaltar os santos e santas, etc. O desafio que se impõe aos religiosos é criar uma rede discursiva entre Deus, o padre e os fiéis. Visto que tudo provém da fé. E é essa fé que motiva as pessoas a acreditarem no que está sendo transmitido por Deus. Como diz Orlandi (1987), a fé é a possibilidade que o homem tem de alcançar a graça e a salvação da alma. Ela reforça a assimetria entre Deus e os homens.

A persuasão e a sedução estão presentes em todo o discurso religioso. Quem afinal de contas não quer que Deus abençoe sua residência, sua família, seu trabalho. A compensação para isso é que o fiel acredite, tenha fé, deixe contagiar e glorifique a Deus. Claro está, ainda, que outros artifícios também são usados com o poder da persuasão: a intimidação, por exemplo, normalmente com a figura do inferno.

No que se refere ao Culto do Marabaixo, percebe-se grande relação entre os dogmas da igreja católica e o ritual do festejo cultural, havendo perfeito sincretismo religioso, ou até mesmo se igualando com os mesmos nomes dos santos exaltados na igreja. O que traz reflexão que ambos os ritos

fazem parte da mesma ordem do discurso face ao fato de uma parte da sociedade amapaense agir com certo preconceito aos grupos de Marabaixo no Estado do Amapá.

Nota-se que a resistência desses grupos em continuar com os ritos dos festejos do Marabaixo é uma forma de exercer o seu direito de cultuar suas divindades religiosas e também de preservar a cultura de matriz africana ao longo das décadas.

Enfim, atualmente, pode se dizer que quadro das relações sociais, religiosas e ideológicas entre os participantes do Marabaixo e os padres apresenta significativas mudanças, face ao fato do comando e de administração de algumas paróquias de Macapá ser realizadas por padres amapaenses, que são mais conscientes da importância da história e da cultura dentro de uma dada comunidade, ainda por reconhecerem, valorizarem e respeitarem sua herança étnica e cultural afrodescendente.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Dialogismo construção do sentido/organização**: Beth Brait. 2.ed. -Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2005.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitea, 2012.

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: conceitos chave. 5 ed., 1^a reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

BRANDÃO, Helen Hathsue Nagamine. **Introdução à discursividade do discurso**. – 3 ed. rev. – Campina, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CANTO, Fernando P. **A água benta e o diabo**. Macapá: Fundação de Cultura do Estado do Amapá (FUNDECAP), 1998.

CHARAUDEAU, Patrick; MANGUENEAU, Dominique. Dicionário de análise do discurso. Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2 ed., 3^a reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2008.

CORRÊA, Manoel Luiz. **Linguagem e comunicação social**: visões da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2002.

FIORIN, José Luiz. **Elementos da análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. (revista e atualizada). São Paulo: Ática, 2007.

FLORES, V.; BARBISAN, L.; FINATTO, M.J.; TEIXEIRA, M. (Orgs.). **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Tradução de Luiz Baeta Neves; Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio.--22.ed.-- São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939-). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda.- 2 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MANGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza e Silva, Décio Rocha. – São Paulo: Cortez, 2001.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Volume 2/ -- 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

ORLANDI, Eni, P. **Análise do Discurso**: princípio e procedimentos. 8^a.ed. São Paulo: Pontes, 2009.

_____. **Introdução às ciências da linguagem**: Discurso e textualidade. São Paulo – Campinas: Pontes, 2010.

_____. **Análise em Discurso**: sujeito, sentido, ideologia. 2^a.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. 6.ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2012.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. ;.ed. Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 6.ed. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza Edições UFC, 2009.

YAZBEK, André Constantino. **10 lições sobre Foucault**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

